

# 1

## Introdução

A temática de nossa pesquisa trata da história do divórcio entre teologia e espiritualidade e à premente necessidade de integração entre essas realidades, a partir de nosso horizonte cultural hodierno. Essa necessidade se dá tendo em vista o divórcio entre teologia e espiritualidade na história do cristianismo ocidental principalmente a partir do século XII. Daí, portanto, a urgência de uma teologia que reflita sobre a espiritualidade como *lócus* (lugar) metodológico central. A dinâmica da teologia é cada vez mais interpelada a ter a espiritualidade como “lugar” privilegiado (metodológico), a lhe dar plausibilidade histórica. E assim, tornar a teologia instrumento adequado para a ação pastoral e a evangelização.

Para desenvolvimento de nosso tema faremos a seguinte divisão: no **capítulo 1**, trataremos de olhar para a dinâmica epistemológica configurada a partir da modernidade-iluminista do último quartel do século XVII, sustentada a partir das bases filosóficas do pensador francês René Descartes. Veremos a diferenciação que este fazia entre a *res cogitans* (dimensão pensante) e a *res extensa* (dimensão puramente material). A relação que Descartes desenvolve entre essas duas realidades, gerou uma radical mudança na teoria do conhecimento daí em diante. A qual influenciou a grande maioria dos filósofos subseqüentes, incluindo o próprio Immanuel Kant e seu subjetivismo epistemológico. E influenciaria com gravidade a epistemologia teológica.

Veremos também, o quanto a chamada “pós-modernidade”, pode e deve ser encarada como desafio a que se repense a herança iluminista européia presente na epistemologia teológica hodierna. Na verdade, a “pós-modernidade” é (entre outros fatores), fruto direto da completa insatisfação com alguns pressupostos e “valores” modernos. Entre outras questões, essa nova sensibilidade cultural reivindica, por exemplo, o pleno acesso de outras dimensões do humano quando se trata de olhar para o real. O claro racionalismo moderno é explicitamente negado e acusado de forte reducionismo. Toda etapa humana tem seus valores, virtudes e suas idiossincrasias, suas distorções e limitações em sua maneira de analisar a realidade. A “pós-modernidade”, como iremos demonstrar,

não deve ser encarada com o pessimismo dos hipercríticos e conservadores de plantão, os quais não consideram o paradigma moderno racionalista carente de reforma alguma. Igualmente precisamos estar conscientes que o mesmo pode ser dito com relação à sensibilidade “pós-moderna”. Ou seja, devemos ter cuidado com os absolutismos, venham de onde vierem. Portanto, os pressupostos e a fragmentação epistemológica, tendência interna em muitos dos chamados teóricos da “pós-modernidade”, não poderá ser lida e aceita de maneira acrítica. O discernimento é necessário.

Entretanto, é nosso desejo demonstrar a importância de se dar ouvidos a alguns dos questionamentos que essa nova sensibilidade traz. Entre esses sérios questionamentos e novas propostas estão: a denúncia aos idealismos; a ampliação do conceito de racionalidade; a necessidade de uma abordagem mais holista da realidade; a inclusão da dimensão afetiva humana no campo da teoria do conhecimento; especificamente na área da teologia: a premente necessidade de incluir em sua dinâmica epistemológica a questão da hermenêutica (o que muda radicalmente o conceito de dogma revelado como interpretado a partir de um olhar pré-moderno). Outra questão importante diz respeito a possibilidade de se fazer teologia como vimos fazendo até aqui, tendo em vista as crises instauradas a partir das duas Grandes Guerras Mundiais; outra questão diz respeito a enorme sede por espiritualidade. Esta interpela a teologia a ser encarada cada vez mais como importante instrumento de busca de sentido diante dos questionamentos existenciais. Sendo então, uma fonte de sentido para a vida. Como se diz hoje, essa será uma teologia tecida “a partir de baixo”, portanto mais apegada ao real.

Uma das marcas do chamado “retorno do sagrado” é o seu apelo de sentido para a vida, que a espiritualidade parece querer ser fonte de resposta, de encontro com o grande Mistério da vida. A mística exerce aqui seu protagonismo. Paralelamente, a teologia deve ser fonte de discernimento as graves distorções de muitas das vertentes de espiritualidade dos dias atuais, que ao invés de levarem a *humanização*, desumanizam. Portanto, critérios muito claros devem ser estabelecidos e o da humanização integral é central. Precisamos ao mesmo tempo, de uma espiritualidade mais teológica e de uma teologia mais espiritual.

No **capítulo 2** nosso foco será nos dualismos antropológicos com suas diversas matrizes, os quais influenciaram a vida de fé bem como a teologia

construída na época. Esse será nosso foco na primeira parte do capítulo 2. Veremos as nefastas conseqüências para a teologia e a espiritualidade que o dualismo antropológico trouxe. Desde as primeiras influências que o cristianismo sofreu já em sua mais tenra idade.

Trataremos mais especificamente dos dualismos gnóstico e neoplatônico, passando pelo dualismo cartesiano, até a tentativa estéril de superação do mesmo. Por fim, iremos trabalhar como o dualismo em si - seja de que matriz for - influenciou, e ainda influencia grandemente na realidade do divórcio entre teologia e espiritualidade.

Num segundo momento desse mesmo capítulo, veremos que a ruptura entre teologia e espiritualidade se dá, também, a partir do crescente uso dos aportes filosóficos de base racionalista, desde a mudança (*turning point*) acontecida na metodologia teológica a partir do século XII, com a mudança gradual da teologia, até então feita nos mosteiros, que aos poucos, com o nascimento das universidades européias, ganha status de *ciência*. A teologia passa a ser o carro chefe de muitas universidades de princípios do século XIII.

Com a chegada do aristotelismo à Universidade de Paris principalmente, o caráter sapiencial e espiritual da teologia sofre uma enorme mudança, gerando uma verdadeira metamorfose discursiva na teologia. A teologia construída a partir de então desenvolve uma abordagem cada vez mais dedutivo-especulativa, o que na escolástica decadente dos séculos XIV e XV, chega a seu ápice.

Em seguida, a Reforma Protestante, apesar de sua grande contribuição à teologia - principalmente por atentar para a importância e centralidade da Escritura para se fazer teologia -, contribuiu para o desenvolvimento gradual de uma “razão secularizada”, sendo o Iluminismo, por exemplo, visto por muitos estudiosos como - dentre outros fatores - o fruto mais maduro da Reforma. Começa aqui o forte estímulo ao uso da “razão crítica”.

Essa mesma Reforma nascera no seio da chamada Renascença européia do século XVI, no qual grandes mudanças culturais no mundo ocidental podem ser percebidas, fruto - dentre outros fatores - da valorização do homem (humanismo), visto cada vez mais como protagonista na construção da história; outro fator foi a forte retomada da cultura clássica; as importantes descobertas científicas - especialmente a “virada copernicana” -, as quais colaboraram para que houvessem

mudanças radicais na cosmovisão do homem e da mulher desse período em diante. Contudo, com a escolástica protestante, que emerge já a partir da segunda metade do século XVI em diante, podemos ver uma repetição do pior espírito especulativo da escolástica medieval - *as mesmas bases* - só que agora *sob nova forma*, a da chamada ortodoxia protestante. No século XVII, com o aparecimento da filosofia racionalista cartesiana, (o *cogito, ergo sum* de René Descartes), alarga-se ainda mais o abismo entre dimensões como razão e fé, teologia e espiritualidade, corpo e alma e etc.

Com o Iluminismo dos séculos XVIII e XIX, a ruptura definitiva e radical se dá. A razão passa a ser vista como que em completa contradição com a fé. A espiritualidade é colocada à margem. É negada à mesma a possibilidade de ser vista como “lugar” de conhecimento e acusada de subjetivismo por muitos teólogos do *status quo*, a espiritualidade perde cada vez mais terreno quando o assunto é a epistemologia (a teoria do conhecimento). Deixa de existir o teólogo e a teóloga que são ao mesmo tempo santos. O academicismo e seu excesso de rigor metodológico ganha a cena do mundo da teologia. As ricas abordagens simbólico-metafóricas são cada vez mais reprimidas, desacreditadas e raras. O teor imagético e mistagógico da teologia se esvazia. A espiritualidade se vê exilada. Vozes esparsas gritam em busca de libertação diante de tamanho reducionismo. Na teologia, Sören Kierkegaard e Friedrich Scheleiermacher (entre outros), são vozes proféticas que se levantam na época diante dos fortes ecos iluministas do século XIX. Do lado da cultura geral o romantismo reclama o direito a outras dimensões terem voz. Todavia, a teologia teria que esperar até a segunda década do século seguinte para que mudanças mais basilares acontecessem.

Já em pleno século XX, diante dos horrores da Primeira Grande Guerra, o início de um forte questionamento dos otimismo que adentram esse mesmo século com força, faz com que aos poucos se instaure uma grande crise de repercussões enormes no Ocidente. Nessa mesma época, no campo da teologia, um jovem pastor de uma pequena comunidade situada nos cantões da Suíça, ergue-se profeticamente contra a bancarrota ética da chamada teologia liberal européia, a qual carregara para a teologia muitos dos ideais do século anterior, gerando um grande impasse na teologia de então. Este jovem pastor acusa também, essa mesma teologia, de absoluta irrelevância diante da realidade da

época. Entre outras denúncias contra o liberalismo, a principal é de que o mesmo teria desenvolvido uma teologia radicalmente imanentista, em detrimento do transcendente.

Esse mesmo jovem pastor passa a defender uma necessidade premente de colocar definitivamente em cheque os principais axiomas do liberalismo ideológico do século XIX, propondo uma séria retomada das principais intuições teológicas da Reforma, gerando uma profunda renovação na teologia de então. O nome desse pastor era Karl Barth, a maior figura teológica da primeira metade do século XX. Considerado por muitos, um dos mais brilhantes teólogos da história do cristianismo. Sua grande síntese teológica é ainda muito estudada e respeitada.

É exatamente a partir de algumas dessas principais intuições de Karl Barth, que na primeira parte do **capítulo 3** dessa pesquisa colocaremos como paradigma de integração entre teologia e espiritualidade, frente ao divórcio diagnosticado nos capítulos anteriores. Em seguida, enfocaremos parte da grande contribuição da teologia latino-americana da libertação como outro importante paradigma de integração entre teologia e espiritualidade. Com sua rica postura epistemológica indutiva, deu novamente à práxis e conseqüentemente à espiritualidade um lugar de destaque em sua metodologia. Os temas centrais da fé cristã agora passam a ser relidos a partir da temática da libertação, fortemente influenciada pelas fontes exódico-libertadoras da Escritura.

Seguiremos nessa pesquisa uma metodologia que se aproxima em muito do clássico método dialético. No nosso caso específico abordaremos essa realidade da relação entre teologia e espiritualidade a partir de um duplo olhar. O primeiro olhar será de caráter epistemológico e o segundo de caráter histórico-teológico. Assim, partiremos da realidade hodierna da epistemologia, para em seguida voltarmos no tempo até o século XII, século da grande virada na metodologia e epistemologia teológica ocidental. O posterior desenvolvimento que começa nesse período viria a influenciar em muito a história do divórcio entre teologia e espiritualidade. Em seguida, concluiremos o capítulo confrontando essa ruptura com paradigmas integradores. Como já especificamos detalhadamente acima. Finalmente concluiremos nosso percurso tentando recolher tudo que foi dito e apontar possíveis pontos para pesquisas subseqüentes.